

Recursos do método psicanalítico diante do intraduzível

Kenia Ballvé Behr
Beatriz Camargo dos Santos

[com Mariana Lutz Biazzi e Clarissa Salle de Carvalho]

Resumo O presente artigo apresenta considerações sobre o tema do *intraduzível* a partir dos desenvolvimentos teóricos de Jean Laplanche, como aquilo que permanece no psiquismo sem tradução, impossibilitando a organização de um espaço que promova recomposições psíquicas e permita um ordenamento do psiquismo. Além disso, são apresentados desenvolvimentos teórico/clínicos de Silvia Bleichmar e Christophe Dejours, voltados para a intervenção em patologias não neuróticas, que demandam alterações da técnica clássica freudiana, para atender às especificidades dessas patologias.

Palavras-chave Laplanche; Bleichmar; Dejours; intraduzível; patologias não neuróticas; arcaico.

Kenia Ballvé Behr é psicanalista, fundadora e docente da Constructo Instituição Psicanalítica, editora da *Constructo Revista de Psicanálise* e fundadora do Grupo Jean Laplanche Brasil.

Beatriz Camargo dos Santos é psicanalista, membro do corpo docente da Constructo Instituição Psicanalítica.

Mariana Lutz Biazzi é membro associado da Constructo Instituição Psicanalítica, membro da comissão editorial da *Constructo Revista de Psicanálise*.

Clarissa Salle de Carvalho é membro associado da Constructo Instituição Psicanalítica, membro da comissão editorial da *Constructo Revista de Psicanálise*, graduada *summa cum laude* em Ciências Humanas pelo Quincy College (USA).

Constituindo um novo paradigma para a psicanálise, os estados não neuróticos se apresentam na clínica a partir de manifestações que propõem um desafio à teoria e à técnica psicanalítica clássica propostas por Freud, uma vez que se mostram como estruturas psíquicas que não se organizam a partir do predomínio do recalçamento. Essas estruturas apresentam características peculiares que evidenciam um funcionamento mais arcaico que aquele presente em sujeitos com dominância neurótica, uma vez que estamos diante de um aparelho psíquico incipiente, que teve seus processos de constituição e complexização dificultados por vivências extremamente traumáticas.

A vivência dessas situações, na maioria das vezes bastante precoce, é recorrente nas patologias não neuróticas. Situações traumáticas que, diferentemente das produzidas pelo encontro do *infans* com o adulto, constitutivas, se tornam impossíveis de serem metabolizadas, justamente por sua intensidade. Esse traumático fica marcado, impossibilitado de fazer parte de uma trama psíquica, não se constituindo como representação simbólica.

A investigação sobre o tema do *intraduzível* diz respeito à presença, no psiquismo, de inscrições que permanecem em estado bruto, impedindo a organização de um espaço que promova recomposições desses elementos. É assim uma via de compreensão que pode abrir portas para a proposição da clínica de patologias que se situam na esfera não neurótica.

O presente artigo parte da teoria da sedução generalizada de Laplanche e do modelo tradutivo do recalçamento tal como trabalhado por esse autor, para delimitar o vasto campo das configurações psicopatológicas em que o recalçamento fracassa ou é insuficiente



*acompanhando o pensamento
de Jean Laplanche,
reportamo-nos ao modelo
tradutivo do recalçamento,
concebido pelo autor no marco
de sua teoria da
sedução generalizada*

para compreender os fenômenos psíquicos que ocorrem. Tomando como eixo central a noção de intraduzível, apontaremos a proximidade entre os conceitos de inconsciente encravado de Laplanche, o arcaico em Silvia Bleichmar e o inconsciente amencial de Christophe Dejours e buscaremos delimitar as singulares propostas de intervenção dos dois últimos autores.

1. O intraduzível

Acompanhando o pensamento de Jean Laplanche¹, reportamo-nos ao *modelo tradutivo do recalçamento*, concebido pelo autor no marco de sua teoria da sedução generalizada. A partir da *Carta 52/112* (1896) da correspondência de Freud com Fliess² o autor encontrou as bases para a formulação da ideia de tradução. Esse documento propõe que o material mnêmico estaria sujeito de tempos em tempos a rearranjos/retranscrições, que se dão em diferentes tempos da vida e, na fronteira entre essas fases, o material psíquico deve ser traduzido gerando uma nova inscrição. Seria uma espécie de programa, em que inicialmente se geram as percepções que, em si, não conservam nenhuma

marca do fato, seguidas pelos *signos de percepção*, primeira inscrição das percepções. Laplanche se pergunta: como a pura percepção já poderia prover signos? Se se tratasse somente da percepção de objetos inanimados, só teríamos indícios e, se fossem apenas indícios, marcas factuais, como poderiam ser propostos para uma primeira tradução pelo sujeito? O autor atribuiu, então, o signo de percepção, essa primeira inscrição no aparelho psíquico, ao significante enigmático, “exatamente como ele se deposita antes de toda tentativa de tradução”³. Essas inscrições serão retranscritas na tentativa de serem traduzidas.

A elaboração do modelo tradutivo levou Laplanche a concluir que “o ser humano é e não cessa de ser autotradutor e autoteorizante. O recalçamento originário não é mais que o primeiro momento e fundador de um processo que dura toda a vida”⁴.

Para Laplanche, a *situação antropológica fundamental* está no início de toda relação inter-humana, e é entendida como

a relação adulto-criança, adulto-*infans*: o *adulto*, que tem um inconsciente tal qual a psicanálise o descobriu, um inconsciente sexual, essencialmente feito de resíduos infantis, um inconsciente perverso no sentido dos *Três ensaios*; a *criança* que não tem disposições sexuais genéticas, que não tem ativadores hormonais da sexualidade⁵.

Essa situação, da qual a criança não pode escapar, é o que vai abrir caminho para a intrusão do universo adulto e para o ingresso da sexualidade desligada, base da *sedução originária* que inaugura a atividade tradutiva e dá início ao processo de autoteorização do ser humano. Essa tendência tradutiva do *infans* tem origem no encontro deste com o adulto desde os inícios da vida, o que por si só tem um efeito traumático, já que recebe do adulto *mensagens enigmáticas* que vêm por meio dos cuidados autoconservativos que este exerce para a sobrevivência do pequeno ser, mas que também veicula na mensagem o sexual, que tem origem no seu próprio inconsciente recalçado. Nos cuidados com o corpo do bebê, as pulsões sexuais

do adulto são despertadas intensamente, embora ele não se aperceba disso e, na situação de sedução, esse pulsional irrompe indo do seu inconsciente até o outro, até o bebê, mesmo este sendo alguém que ainda não é sujeito de inconsciente.

O processo da tradução/recalcamento se dá em dois tempos: no primeiro tempo, a mensagem vinda do adulto é implantada no corpo da criança ainda sem ser compreendida, e somente num segundo tempo, desde o interior, ela passa a agir como um corpo estranho interno: *objetos-fonte da pulsão*, como foram denominados por Laplanche, trazidos pelo adulto do exterior. As tentativas de tradução sempre fracassam parcialmente, deixando atrás de si elementos não traduzidos, que vão constituir os primeiros rudimentos do inconsciente, recalcados originariamente, que se singularizam como fonte de excitação autônoma. Dessa forma, a tradução funda o inconsciente sexual, assim como dá origem a um nível pré-consciente, em especial o Eu, e, nesse sentido, “a tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente historização mais ou menos coerente”⁶.

A criança tenta traduzir e historizar essas mensagens em seus aspectos sexuais e enigmáticos, sendo que sua tentativa de traduzir surge de uma metabolização que lhe é própria, ainda que organizada a partir de ligações que se originam na cultura e que lhe são oferecidas pelo adulto. O psiquismo incorpora esses elementos que têm uma origem exógena e, ao mesmo tempo, não são equivalentes ao objeto de proveniência.

O conceito de metábola em Jean Laplanche contribui muito para essa ideia. Mostra a

»»

*a criança tenta traduzir
e historizar essas mensagens
em seus aspectos sexuais
e enigmáticos, sendo que sua
tentativa de traduzir surge de uma
metabolização que lhe é própria,
ainda que organizada a partir
de ligações que se originam
na cultura e que lhe são
oferecidas pelo adulto*

desqualificação entre o inconsciente da criança e o desejo do adulto, ao propor que entre o psiquismo do adulto e o psiquismo em constituição da criança ocorre um processo de decomposição e recomposição metabólica.

Com a noção do enigma aparece uma evidência de ruptura do determinismo, na medida em que o emissor da mensagem enigmática ignora a maior parte do que quer dizer, e na medida em que a criança só possui meios inadequados e imperfeitos de teorização do que lhe é comunicado, acabando desqualificada qualquer causalidade linear entre o inconsciente e o discurso parental, por um lado, e o que faz a criança com isso, por outro lado⁷.

O inconsciente não é o discurso – desejo do outro, justamente em função do duplo metabolismo que o sexual sofreu nesse percurso: deformação na mensagem comprometida do adulto e, depois, na criança receptora, na verdade um trabalho de tradução que remaneja completamente a mensagem implantada, um estranho metabolismo que, como todo metabolismo, é individual e implica decomposição e recomposição⁸.

Essa tradução da criança será dificultada ou impedida porque a mensagem vem do outro, um

1 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*.

2 S. Freud, “Carta 52/112”, p. 274-280.

3 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*, p. 132.

4 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 132-133.

5 J. Laplanche, “A partir da situação antropológica fundamental”, in *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*, p. 106.

6 J. Laplanche, “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”, p. 195.

7 J. Laplanche, “La interpretación entre determinismo y hermenéutica. Un nuevo planteo de la cuestión”, in *La prioridad del otro en psicoanálisis*, p. 161.

8 J. Laplanche, “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”, p. 195, 196.

9 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 201-202.



para traduzir o aspecto sexual
da mensagem adulta,
a criança precisa recorrer
a novos códigos, que estão
ao seu alcance no meio
familiar e na cultura,
servindo como
um auxílio à tradução

sujeito de inconsciente, como referimos acima, e também porque a criança não possui os códigos necessários para fazer tal tradução. E não haverá tradução se não existirem códigos. Confrontado com as mensagens enigmáticas do adulto, o pequeno hermenêuta não consegue traduzi-las utilizando os códigos que tem à sua disposição, que são códigos autoconservativos⁹. Para traduzir o aspecto sexual da mensagem adulta, precisa recorrer a novos códigos, que estão ao seu alcance no meio familiar e na cultura, servindo como um auxílio à tradução. É o outro que oferece os meios para teorizar, ajudando o *infans* a ligar, simbolizar e traduzir as mensagens enigmáticas a ele endereçadas pelo adulto, sem o que ficaria no desamparo diante da tarefa de conter o sexual traumático que o invade e ataca¹⁰.

Estamos, então, frente a um processo que, ao mesmo tempo, configura-se como uma experiência traumática que desorganiza mas também constitui o sujeito num movimento de autoapropriação, resultado desse processo tradutivo, que poderá possibilitar, em um segundo tempo, metabolizações, perlaborações psíquicas e, assim, a incorporação dessas mensagens a uma trama passível de rearranjos futuros que permitem a constituição das instâncias psíquicas.

A *teoria tradutiva do recalque* de Laplanche propõe que, se uma parte da mensagem puder ser traduzida, participando do processo de constituição do Eu e do pré-consciente, sua parte intraduzível (sexual desligado) inaugura o inconsciente recalçado – como foi mencionado anteriormente –, dividindo a tópica e tornando possível a produção de derivados, sintomas e sublimações, permitindo um funcionamento psíquico baseado no conflito entre os sistemas – um funcionamento normal-neurótico, que se dá pelo processo de *implantação* do sexual.

Por outro lado, temos os traumas psíquicos de outra ordem, que deixam a criança exposta a uma excitação que, por sua natureza e intensidade, pode impedir qualquer tentativa de metabolização, tornando impossível seu domínio e a elaboração psíquica.

Laplanche apresenta o conceito de *intromissão* para compreender o processo pelo qual o trabalho de metabolização ficaria obstaculizado, impedindo a tradução dessas excitações e o domínio das quantidades excessivas. Segundo ele,

enquanto a implantação permite ao indivíduo uma recaptura ativa, com sua dupla face tradutivo-recalcante, deve-se dar lugar a um processo que obstaculiza essa recaptura, dificulta as diferenciações entre as instâncias em vias de formação e põe no interior um elemento rebelde a qualquer metábola¹¹.

Trata-se de um fracasso radical do processo tradutivo, em que nada pode ser traduzido, permanecendo a mensagem original sem trabalho psíquico algum, dando origem ao que ele denomina *inconsciente encravado*, espaço da não tradução, uma espécie de *limbo* onde permaneceriam todas as mensagens não traduzidas (aquelas que sofreram fracasso radical e também aquelas à espera de uma tradução). É um segundo inconsciente, separado por clivagem do inconsciente sexual recalçado. A modalidade principal de defesa do inconsciente encravado não é o recalque, mas a recusa, motivo pelo qual fica, segundo Laplanche, “à flor da consciência”, sendo

mais facilmente sujeito à desestabilização e à irrupção¹².

A partir das hipóteses e formulações de Laplanche, pensamos que possivelmente é o componente de extrema violência da mensagem sexual do adulto que cria esse bloqueio, impedindo qualquer movimento de metabolização por parte do pequeno ser. O autor se pergunta se essas mensagens que ingressam pela via da intromissão, mensagens *não comprometidas*, mas *habitadas sem distância* pelo inconsciente¹³, por isso mesmo poderiam não ser portadoras de um enigma, já que constituiriam o próprio inconsciente do adulto. O não traduzível não pode ser incorporado justamente por seu caráter intrusivo. Trata-se de um desligado sem fixação ao inconsciente, sem articulação simbólica, que se manifesta no corpo e em comportamentos compulsivos, produzindo um empobrecimento significativo dos recursos psíquicos do sujeito.

2. Simbolizações de transição – Silvia Bleichmar

Silvia Bleichmar parte das ideias de Jean Laplanche, mas ao longo de sua trajetória enriquece seus desenvolvimentos, especialmente a partir de seu trabalho com crianças e de seus estudos sobre o recalçamento originário, desde onde aprofunda seu conhecimento e suas pesquisas em relação aos tempos mais primordiais do psiquismo. A autora também define que quem se ocupa dos cuidados do *infans*, além de sexualizá-lo, exerce uma função de ligação, que se estabelece através de sua observação atenta e afetuosa em seus cuidados para com ele. O que possibilita essa ação é um *narcisismo transvasante*, proveniente do Eu materno, que lhe permite identificar o filho e, ao mesmo

»»

Silvia Bleichmar parte das ideias de Jean Laplanche, mas ao longo de sua trajetória enriquece seus desenvolvimentos, especialmente a partir de seu trabalho com crianças e de seus estudos sobre o recalçamento originário, desde onde aprofunda seu conhecimento e suas pesquisas em relação aos tempos mais primordiais do psiquismo

tempo, reconhecê-lo em sua diferença, como algo da ordem do amor que transvasa o bebê no sentido narcísico. As ligações vão se estabelecendo a partir desse envoltório amoroso oferecido a ele, o que favorece a ligação, o fortalecimento do Eu e, assim, enriquece as possibilidades de exercer a ação tradutiva. A falha desse processo, em função de dificuldades egoicas maternas, pode dificultar a estruturação do Eu e do pré-consciente, assim como a organização da incipiente economia psíquica.

A autora concebe o aparelho psíquico como sendo aberto ao real, se constituindo através de inscrições que, oriundas do exterior, serão situadas no aparelho ao mesmo tempo que a tópica psíquica se organiza. Nesse sentido, existem no inconsciente diferentes formas de inscrição e organizadas de modos diversos, sendo que algumas delas são elementos que nunca foram recalçados e, em razão disso, não podem ser trabalhadas através da interpretação pela via da associação livre, sendo a ligação nesses casos a estratégia terapêutica principal. E é no desenvolvimento desse tipo de intervenções que nos deteremos, denominadas pela autora como *simbolizações de transição* que, através de *pontes simbólicas*, podem

10 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 206.

11 J. Laplanche, "Implantación, intromisión", in *La prioridad del outro em psicoanálisis*, p. 106.

12 J. Laplanche, "Três acepções da palavra 'inconsciente' no âmbito da teoria da sedução generalizada", p. 196-199.

13 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 190-199.



*em Freud, a construção
aparece como uma possibilidade
de intervenção ligada
à repetição e ao que não
se pode pôr em palavras.
Tem como propósito restituir
um fragmento da história
infantil esquecida*

ligar aqueles elementos que não são passíveis de interpretação¹⁴.

Silvia Bleichmar propõe um aparelho que, ao mesmo tempo que se constitui como efeito do recalque originário, deixa elementos soltos, desligados, da ordem do arcaico. Assim, as primeiras marcas do psiquismo são inscrições que não necessariamente serão recalçadas, podendo permanecer no aparelho como esses elementos soltos que nunca serão transcritos, e que estarão no inconsciente ao lado de outros que foram recalçados e tornaram-se representação-coisa. A ideia de elementos que não se fixaram ao inconsciente recalçado, escapando ao processo de transcrição/tradução, se aproxima do conceito de inconsciente encravado, proposto por Laplanche, e apresentado como um lugar onde estariam depositadas as inscrições sem trabalho psíquico algum, um espaço das mensagens não traduzidas.

Para ela, o arcaico e o originário respondem a dois modos de processamento psíquico e definem duas formas de intervenção. Bleichmar assevera a importância de avaliar a materialidade dessas representações para saber o que fazer com elas. Interpretá-las? Ligá-las?

A autora rastreia os signos de percepção propostos por Freud¹⁵ na *Carta 52* como um modo de inscrição passível de transcrição. Sua origem estaria em indícios que não são símbolos de nada, mas que operam na estruturação do entramado simbólico de transição. Tornam-se símbolo quando o sujeito se constitui e possui um código de interpretação. Ao mesmo tempo, são elementos psíquicos que aparecem nas modalidades compulsivas do psiquismo, nos referentes traumáticos não sepultáveis pela memória e pelo esquecimento, desprendidos da vivência dos primórdios da vida, não articuláveis¹⁶.

Bleichmar estabelece ainda a diferença entre indícios e signos de percepção, propondo que os indícios são elementos desprendidos do real, metonímicos em relação aos objetos, fragmentos metabólicos de algo da experiência, enquanto os signos de percepção são representações ativadas (se não forem freadas) em seu encontro com o objeto do mundo e, estando muito investidas, tendem a tomar a seu encargo toda a energia psíquica¹⁷.

2.1. Comentários em relação ao conceito de construção

Em Freud, a construção aparece como uma possibilidade de intervenção ligada à repetição e ao que não se pode pôr em palavras. Tem como propósito restituir um fragmento da história infantil esquecida e, na medida em que o próprio analista também não o conhece, pode tomá-lo da teoria. O que Freud propôs, por meio da construção, foi a possibilidade de introduzir uma teorização no ponto em que as associações do paciente se esgotaram, buscando recuperar a historicidade. O analista toma algum dado histórico do paciente ou algum elemento teórico e faz uma construção que utiliza para propor o enlace que falta¹⁸.

Bleichmar lembra que o esquecimento de um fragmento da história infantil nem sempre está ligado à possibilidade de que tenha havido amnésia. A amnésia infantil não é somente consequência

da ação do recalçamento, pois algumas vezes as representações podem ter sido produzidas em um momento em que não havia sujeito constituído que tornasse a recordação possível e, portanto, o elemento que falta não faz parte do patrimônio subjetivo do sujeito.

A autora questiona também o fato de a construção ser proposta por Freud como uma progressão no tempo, afirmando que, na medida em que um traumatismo severo na vida adulta é atual, não estamos diante de um fragmento esquecido da infância¹⁹. E mais: é fundamental que o enunciado teórico proposto pelo analista, assim como o fragmento histórico oferecido para preencher a falta existente, tenha relação com restos da experiência vivida pelo paciente, comprovados pela possibilidade de associações dele. Caso isso não ocorra, serão espécies de *próteses* que apenas cumprem aparente e temporariamente o objetivo de recuperar a história infantil, possivelmente tornando ainda mais complexo o resgate desse espaço do não traduzido.

2.2. Intervenções simbolizantes

Nas *intervenções simbólicas* propostas por Bleichmar, um dos aspectos centrais deste texto, diferente do que ocorre nas interpretações de conteúdos do inconsciente, a função do analista é tomada por ela como equivalente da função de *rêverie* materna (Bion), que seria a capacidade de a mãe/analista *pensar o outro*. Fazendo referência a uma afirmação de Piera Aulagnier, ela diz que o analista não é a memória de vida do paciente, mas a memória de sua análise, e complementa

afirma Bleichmar que a construção, como qualquer intervenção simbolizante, é simplesmente um elemento de transição, proposto como uma ponte a partir da qual se começa a pensar. Não pretende ter o nível de convicção de uma interpretação.

essa ideia, dizendo “que o paciente pode fazer sua história, se o analista pode recompor com ele elementos dessa história”²⁰.

Afirma Bleichmar que a construção, como qualquer intervenção simbolizante, é simplesmente um elemento de transição, proposto como uma ponte a partir da qual se começa a pensar. Não pretende ter o nível de convicção de uma interpretação. Seria apenas um lugar de partida, como são todos os fragmentos simbólicos que se propõe. Nesse sentido, são pontes simbólicas de transição, para estabelecer nexos naqueles casos em que há uma fratura na simbolização.

Trata-se de um recurso que só pode ser empregado quando se está diante do não traduzido, da ordem do arcaico, altamente perturbador para o paciente que não pode associar. E, quando isso ocorre, o analista não estaria interpretando, mas, como diz Bleichmar, estaria produzindo um *entretido simbólico*²¹.

Diz a autora que o importante é

que esse elemento metabolizável permita criar possibilidades associativas e sair de um terreno pantanoso, não só na análise, mas também, do lado do paciente, em sua vida em geral, sobretudo nos traumatismos muito severos.

14 S. Bleichmar, “Simbolizações de transição. Uma clínica aberta ao real”, in *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*, p. 31-58.

15 S. Freud, “Carta 52/112”, p. 274-280.

16 S. Bleichmar, *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*, p. 33.

17 S. Bleichmar, *Inteligencia y simbolización: una perspectiva psicoanalítica*, p. 293.

18 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 413.

19 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 361.

20 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 415.

21 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 414-417.





*diante de situações
de traumatismo, os elementos são
inscritos, mas não se fixam
no inconsciente, avançando
todo o tempo pela tópica.
O problema não é o recalçamento,
mas o fato de que algo
não pode cair na amnésia,
aparecendo como uma ação
compulsiva, por exemplo*

Isto eu penso para situações traumáticas graves ou elementos retomados de histórias muito traumáticas²².

Bleichmar introduz o conceito de simbolizações de transição como a possibilidade de oferecer um nexos para a captura dos restos do real. Essa técnica permite a apropriação de um fragmento representacional que não pode ser apreendido pela livre associação e cujo significado escapa e insiste com frequência como compulsão²³. As simbolizações de transição caracterizam-se pela implantação de contextos relatados ou conhecidos por ocasião do processo de cura (informações fornecidas por algum familiar, por exemplo), embora ainda não tenham sido relacionados com o elemento emergente.

O caráter metonímico do objeto retranscrito na análise assume um caráter metafórico mas ainda insuficiente, sendo que o principal do elemento traumático é o elemento metonímico, não metafórico. O traumatismo se caracteriza por arrastar restos do vivenciado, e a metáfora é a forma de simbolização daquilo que ficou ali, sem ancoragem, mas requer o reconhecimento de sua especificidade, porque foi onde encontrou os elementos investidos, excitantes, que o

encarnam. Antes de uma interpretação, é fundamental

reconhecê-lo como resto do real vivenciado, significá-lo nessa ordem e relacioná-lo ao objeto originário no contexto da relação de transferência. Se não for feita desse modo, a interpretação não tem o menor valor para o sujeito. Nisto consiste o operador que chamo de “simbolizações de transição”, pontes, autotransplantes, nos quais o analista inclui inevitavelmente a perspectiva teórica, mas a entretete com os restos vivenciais e excitantes das representações de quem as padece²⁴.

Segundo a autora, quando lidamos com patologias graves ou mesmo quando estamos trabalhando num momento não neurótico de qualquer paciente, eventualmente chegamos a um ponto em que a associação se detém e é necessária uma tomada de posição diante da falta da associação. Na verdade, isso que não está recalçado nem repudiado, que está em estatuto como que de latência psíquica e que, muitas vezes, produz um quadro grave, carece de um organizador simbólico, de uma ponte simbólica. O que Bleichmar sugere é a possibilidade de produzir aí uma representação, uma simbolização de transição, dada pela materialidade mais próxima daquilo que possibilite retomar e recompor o caminho. A grande questão não é interpretar esses fragmentos do real vivencial, mas estruturá-los de algum modo e não perdê-los no conjunto, resgatando o caráter do traumático para chegar a uma simbolização segunda. Caso isso não aconteça, formam-se os núcleos mais patológicos que insistem sem metabolização psíquica²⁵.

Diante de situações de traumatismo, os elementos são inscritos, mas não se fixam no inconsciente, avançando todo o tempo pela tópica. O problema não é o recalçamento, mas o fato de que algo não pode cair na amnésia, aparecendo como uma ação compulsiva, por exemplo. Se o que determina essa formação tiver relação com o inconsciente, a solução seria interpretar, mas se o determinante estiver relacionado com o inconsciente, embora não sendo parte da emergência

deste, tem que ligar. Esta é a ideia de simbolizações de transição proposta por Bleichmar. Há que reordenar de algum modo esses elementos através de uma ponte simbólica diante de conteúdos que não podem ser interpretados e diante da impossibilidade de o paciente associar sobre eles²⁶.

3. A perlaboração pelo sonho – Christophe Dejours

3.1. Corpo e traumatismo

Christophe Dejours dedicou-se a importantes estudos sobre o corpo e a psicossomática antes de conhecer Jean Laplanche, sendo essa uma das diferenças do desenvolvimento teórico de ambos. Apoiou-se na teoria da sedução generalizada de Laplanche, passando a incluí-la em seus estudos sobre as patologias não neuróticas. Além disso, formulou uma hipótese relativa a uma terceira tópica, na qual Laplanche se inspirou anos depois. Embora estejam de acordo com a ideia central referente à existência de dois inconscientes independentes entre si, existem divergências em relação a um dos inconscientes. Os dois autores estão de acordo que o “inconsciente sexual ou recalcado”, está na origem das pulsões. A discordância se dá em relação ao outro inconsciente, onde as mensagens permanecem não traduzidas. Enquanto Laplanche refere-se ao “inconsciente encravado”, onde se encontram mensagens na espera de tradução e outras praticamente impossíveis de traduzir, situando a causa disso na ausência de códigos de tradução, Dejours refere-se ao inconsciente amencial, onde encontram-se mensagens secundárias a um primeiro acontecimento que tem relação

22 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 418.

23 S. Bleichmar, *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*, p. 40.

24 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 43.

25 S. Bleichmar, “Simbolismo e transição. Modos de intervenção em patologias graves”.

26 S. Bleichmar, “Simbolismo e transição...”.

27 K. B. Behr *et al.*, “Marcas corporais, marcas psíquicas. O processo de estruturação do psiquismo no encontro analítico”, p. 71.

Dejours leva em conta
também a questão do afeto
para situar a forma como
o corpo se revela
para si mesmo. A experiência
do corpo, o que é sentido
nele constitui, para o autor,
o ponto de partida
para a construção
da subjetividade

com a natureza da mensagem – frequentemente advinda da violência do adulto –, um *acidente de sedução* que gera uma impossibilidade total de pensamento e de tradução da criança.

Voltando-nos especificamente às ideias de Dejours, ele propõe o tema do corpo em sua dupla dimensão: biológica e erógena. O primeiro corpo, o biológico, está dado desde o nascimento, e o segundo, o erógeno, tem origem no primeiro, sendo o resultado da relação entre o adulto e a criança. Através dessa relação deve ocorrer uma subversão libidinal da ordem biológica em proveito da gênese da ordem erótica. Dejours leva em conta também a questão do afeto para situar a forma como o corpo se revela para si mesmo. A experiência do corpo, o que é sentido nele constitui, para o autor, o ponto de partida para a construção da subjetividade²⁷.

Enquanto Freud propõe que o corpo erógeno surge por apoio da pulsão na função fisiológica, num processo endógeno que funda a sexualidade psíquica, para Dejours o sexual vem do encontro do outro com o *infans*, e as partes do corpo que se constituíram em zonas erógenas serão paulatinamente subvertidas com a instalação do segundo corpo. Assim, este surge quando a necessidade





*o adulto desencadeia
na criança excitações que
devem ser metabolizadas por ela,
que têm origem no próprio
inconsciente dele e
que se constituem como
uma situação traumática
em função da assimetria
existente entre ambos*

se desvincula parcialmente do instinto e a pulsão passa a reger o sexual.

Tomando como base a teoria da sedução generalizada, Dejours afirma que a relação entre a criança e o adulto que se ocupa dela se dá inicialmente através do corpo, embora esses cuidados não se restrinjam ao autoconservativo, uma vez que o adulto está atravessado pelo sexual que inevitavelmente se faz presente nas mensagens que envia à criança. Nessa relação assimétrica, o *infans* fica dominado pelo adulto que se ocupa de seus cuidados básicos. O contato com seu corpo desencadeia, no adulto, fantasias inconscientes que se relacionam com suas próprias vivências recalçadas. Como diz Laplanche: “as fantasias mais antigas voltam a se movimentar no adulto, pelo aparecimento desse pequeno ser, desse outro Eu-mesmo em outro tempo, entregue aos cuidados corporais mais deliciosos e talvez mais perversos”²⁸.

A partir disso, o adulto emite à criança mensagens enigmáticas pré-conscientes/conscientes, comprometidas pelo seu inconsciente, que levarão a criança a uma tentativa de tradução das mensagens. Para Dejours, essa tradução não tem relação direta com a mensagem que a criança recebe do adulto, diferente do que propõe Laplanche.

O que ela tenta traduzir é o que sente em seu corpo, onde a mensagem se implanta, dando início, então, à formação do corpo erógeno²⁹. Entre essa experiência dos dois corpos e a tradução, é necessário um trabalho psíquico de ligação da excitação que se manifesta no corpo na forma de prazer sensual. O corpo intervém como detentor de um primeiro poder de tradução.

O processo de subversão libidinal se inicia, então, por meio da intersubjetividade. A excitação que nasce no corpo da criança, sua atividade de tradução, a apropriação dos jogos com o seu próprio corpo

é já uma perlaboração antes da linguagem. É uma apropriação do corpo pelo corpo [...] essa tradução é inevitavelmente imperfeita, deixando um resto não traduzido, o que não foi traduzido insiste e tende a voltar, mas dessa vez do interior, constituindo a gênese da sexualidade infantil³⁰.

O adulto desencadeia na criança excitações que devem ser metabolizadas por ela, que têm origem no próprio inconsciente dele e que se constituem como uma situação traumática em função da assimetria existente entre ambos. Mas esse encontro pode também provocar no adulto, em função daquilo que é acionado dentro dele, reações desproporcionais ou inadequadas, que podem levar a um agir extremamente violento em relação à criança, como, por exemplo, abusos, agressões físicas ou abandono.

Ao mesmo tempo, essa violência que provoca essa sobrecarga de excitação no *infans* pode ocasionar um transbordamento ou uma fragmentação do Eu da criança, assim como dificultar seu pensar e sua capacidade de traduzir. Tudo isso seria determinado, então, por situações traumáticas graves originadas na relação entre adulto e bebê, que configuram os *acidentes de sedução*³¹. Justamente esse impedimento do pensar foi a razão pela qual Dejours denominou o inconsciente, onde se alojam os elementos desligados do psiquismo, de *amencial*. Enquanto o que pertence ao inconsciente sexual recalçado se expressa

como corpo habitado, corpo dos jogos eróticos, o que faz parte do inconsciente amencial se manifesta por impotências, zonas inabitadas e frias do corpo, que não contribuem com a sensualidade nem com a vida erótica, as quais são proscritas³².

Ao ser incluída a violência do abandono como um fator que impede a criança de pensar e, portanto, de traduzir determinados conteúdos incluídos no inconsciente amencial, é fundamental que se faça uma diferenciação entre a violência física que atinge diretamente o corpo da criança (impedindo que ele se desprendia do corpo biológico e passe a ser parte do corpo erógeno) e a violência de abandono vivida por ela em função de uma profunda indiferença ou intenso ódio do adulto encarregado de seus cuidados. Embora o *infans*, nesse caso, não necessariamente apresente o corpo biológico ou parte dele gravemente cindido do corpo erógeno, por certo ocorrerá uma grave cisão entre corpo e psíquico, porque seu psiquismo não corresponderá a sensações provenientes de seu próprio corpo biológico³³.

3.2. *Dejours e o sonho*

Diferente da proposta laplancheana em que as mensagens não traduzidas se mantêm no inconsciente engravado em espera de uma tradução, Dejours pensa que a única via de acesso ao que foi proscrito é o sonho. A capacidade onírica de formar imagens permite que ocorra uma figuração daquilo que estava até então não traduzido e que assim já pode aparecer para o sujeito. Esse é um processo que, segundo o autor, é capaz de remanejar profundamente a estrutura clivada, uma vez que é a partir desse trabalho que o conteúdo do inconsciente amencial pode ser transferido para

»
é através da regressão formal
que os protopensamentos
que estão no amencial
se tornam imagens e são
apreendidos pelo trabalho
onírico, podendo ser, assim,
reapropriados a uma outra
ordem de subjetividade

o inconsciente sexual recalcado. Essa reconquista ocorre através do trabalho que Dejours denomina de *perlaboração pelo sonho*, que reapropria os jogos corporais que estavam banidos do circuito da tradução e do recalque³⁴.

É através da regressão formal, uma das exigências a que estão submetidos, segundo Freud³⁵, os pensamentos do sonho, que os protopensamentos que estão no amencial se tornam imagens e são apreendidos pelo trabalho onírico, podendo ser, assim, reapropriados a uma outra ordem de subjetividade. Ocorre, dessa maneira, uma figuração dos jogos corporais anteriormente proscritos pelos acidentes de sedução que são, com isso, recuperados. Porém isso não acontece através de interpretações exaustivas do analista, mas pelo trabalho do sonho, do engajamento do corpo, de gestos que expressam os jogos corporais que serão reapropriados. Assim, os registros corporais expressivos podem ser expandidos, o que possibilita ao sujeito ter acesso a novos registros de sensibilidade e a uma nova capacidade de experimentar os afetos do corpo.

Os pensamentos latentes produzidos em análise podem ser o material desses sonhos, mas a recomposição ocorre essencialmente através do

28 J. Laplanche, "Metas del proceso analítico", p. 189.

29 C. Dejours, *Os dois corpos*, p. 8.

30 B. Kanabus, *Christophe Dejours – o corpo inacabado entre fenomenologia e psicanálise: entrevista*, p. 336.

31 C. Dejours, *Psicossomática e teoria do corpo*, p. 126.

32 C. Dejours, "Clivagem e recusa, inconsciente amencial (Dejours), inconsciente engravado (Laplanche): a terceira tópica".

33 K.B. Behr et al., *op. cit.*, p. 74.

34 K.B. Behr et al., *op. cit.*, p. 81.

35 S. Freud, "La interpretación de los sueños", p. 345-354.



*aquilo em que se toca
no trabalho de análise
e poderia desencadear
uma crise somática ou psicótica
já pode ser abordado por meio
da fantasia, o que amplia os registros
expressivos do corpo e dá
a capacidade de reintegração
desse conteúdo ao
circuito psíquico*

trabalho do sonho. O sonho não é uma tradução, mas uma figuração daquilo que foi proscrito. É dessa forma que o proscrito pode ser reconquistado pelo sujeito e transformado em memória a partir daquilo que se toca transferencialmente. O que é mobilizado pela relação transferencial e, posteriormente, aparece no sonho, dá ao paciente a possibilidade de resgate de experiências traumáticas vividas na sua maioria precocemente, sobre as quais ele agora pode falar.

Dessa maneira, aquilo em que se toca no trabalho de análise e poderia desencadear uma crise somática ou psicótica já pode ser abordado por meio da fantasia, o que amplia os registros expressivos do corpo e dá a capacidade de reintegração desse conteúdo ao circuito psíquico. Assim, o motor inicial do processo de perlaboração pelo sonho é a transferência, que mobiliza o amencial e provoca uma tensão que, se não desencadear uma crise, fica em latência até poder se manifestar durante o sono, por meio do sonho.

O trabalho de perlaboração pelo sonho proposto por Dejours se distancia do pensamento freudiano, à medida que propõe ao sonho um poder de transformação. Do mesmo modo que o sonho traumático de Freud, os conteúdos que

aparecem durante o sono estão desligados no psiquismo e repetem situações traumáticas vividas pelo paciente. Porém o aparecimento onírico desse material, para Dejours, oferece a possibilidade de reintegração ao inconsciente recalçado de elementos que estavam no inconsciente amencial, o que pode promover uma profunda modificação da tópica psíquica. Segundo o autor, “do que não era habitado, não vivido, do que se escapava à vida, algo pode ser retomado”³⁶. Há, assim, uma passagem da experiência vivida à sua simbolização.

Dejours explica como aceder a essa experiência subjetiva do corpo, afirmando que a única passagem possível é a palavra, e o analista só tem acesso ao sonho por meio da palavra do paciente que conta o sonho.

Quando falo a alguém, quando me ouço falar sobre a minha experiência das coisas que desconhecia porquanto não as tinha dito, dou-me conta de que falar a alguém é o mais poderoso meio de pensar, de transformar e de fazer passar de uma certa forma esse padecer fundamental que se experiencia³⁷.

Ao mobilizar a zona amencial, a transferência permite, por meio do processo de perlaboração pelo sonho, que zonas inabitadas do corpo sejam endereçadas ao inconsciente sexual. Contudo, Dejours alerta que há também aí o risco de desestabilização da tópica psíquica, podendo causar no paciente um excesso de violência ou de angústia. No entanto, o aparecimento do material no sonho, provocado pela relação transferencial, ao não causar mais medo ao paciente com esse registro até então proscrito, permite ao paciente finalmente falar sobre ele. É a via da transferência que efetivamente permite a perlaboração pelo sonho³⁸. E é assim que surge a possibilidade de o paciente falar sobre aquilo que estava mudo dentro dele. As imagens que então afloram em sua cabeça e podem ser contadas conduzem a lembranças que poderão ser incluídas em sua história, aumentando assim o seu saber de si.

Dessa maneira, o sonho, segundo Dejours, se situa no cerne do processo de cura, uma vez que

é considerado não apenas um testemunho do inconsciente, mas um verdadeiro construtor de memória psíquica. “Pelo recalque, o sonho produz memória e, ao criar novas cadeias associativas, trata a angústia, ligando a excitação”³⁹. Ou seja, o sonho faz com que as experiências da vida de vigília sejam retomadas pelo psiquismo, sendo, assim, reintegradas à construção da história do sujeito, reorganizando seu funcionamento psíquico.

Palavras finais

As propostas teórico-clínicas apresentadas aqui permitem concluir que as elaborações e discussões dos autores citados propõem e reafirmam que a impossibilidade radical de tradução de elementos inscritos no psiquismo se dá pelos excessos traumáticos que ocorrem, na maioria das vezes, durante a infância e que obstaculizam o trabalho psíquico de tradução e de simbolização, a articulação com outros elementos do psiquismo e a transcrição para o inconsciente recalçado. Novas formas de intervenção se fazem necessárias diante de patologias que não se pautam predominantemente pelo recalçamento, pelo conflito entre os sistemas e pelo sintoma.

Embora Bleichmar e Dejours tenham mantido uma importante identidade com o pensamento de Laplanche, percorreram caminhos diferentes para propor novos recursos da técnica que permitem ampliar as condições de analisabilidade das patologias não neuróticas, encontrando uma clínica capaz de fazer frente ao intraduzível, sem abandonar aquilo que é fundamental na psicanálise.

Bleichmar propõe a evidência de lacunas psíquicas que se estabelecem em razão de signos de percepção não recalçados, que definem uma predominância de elementos arcaicos na tópica, tendo

»
*embora Bleichmar e
Dejours tenham mantido
uma importante identidade
com o pensamento de Laplanche,
percorreram caminhos diferentes
para propor novos recursos
da técnica que permitem
ampliar as condições de
analisabilidade das patologias
não neuróticas*

como origem traumatismos severos e precoces e/ou a pobreza de investimentos narcísicos maternos que determinam sérias falhas na constituição egoica e na representação do Eu do *infans*. Por sua vez Dejours descreve falhas na constituição do corpo erógeno e na produção de pensamento da criança que, a par de determinarem dificuldades na sexualidade do sujeito, impedem a tradução do desligado que ingressa no psiquismo. A origem estaria determinada por reações extremamente inadequadas do adulto em relação à criança, tanto de violência física como de abandono, que surgem daquilo que é acionado em seu inconsciente a partir do contato com o corpo da criança.

Segundo Laplanche, a prática analítica tem por significação latente e por meta voltar a pôr em jogo o conflito originário copernicano, aquele que deu nascimento ao jogo de forças secundário e ao conflito derivado, que depois se dá entre o Eu e seu outro interno⁴⁰. Com esse mesmo pensar nossos dois autores propõem abordagens que dão conta de uma nova tentativa de estruturação do Eu, com a possibilidade de traduções daquilo que nunca foi traduzido, para que o sujeito possa se apropriar de elementos até então não ligados. Uma tradução pode ser possível, através de pontes

36 B. Kanabus, *Christophe Dejours – o corpo inacabado entre fenomenologia e psicanálise: entrevista*, p. 334.

37 B. Kanabus, *op. cit.*

38 B. Kanabus, *op. cit.*

39 C. Dejours, *Primeiro, o corpo: corpo biológico, corpo erótico e senso moral*, p. 59.

40 J. Laplanche, “Metas del proceso analítico”, p. 193.

de simbolização ou da perlaboração pelo sonho, uma vez que qualquer mensagem, seja ela implantada ou intromissionada, num primeiro momento é apenas inscrita, podendo ficar em estatuto de espera de tradução.

Dessa maneira, a partir da força acionada pela situação transferencial e pela relação com o enigma,

o processo analítico, como uma reabertura do processo originário, tem como meta conquistar o outro externo, fonte de mensagens enigmáticas, uma verdadeira “pulsão a traduzir”⁴¹. Só assim, segundo Laplanche, podemos chegar a algo novo, mas que tem sua fonte no originário do ser humano.

41 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 196.

Referências bibliográficas

- Behr K.B.; Santos B.C. dos; Carvalho C.S.; Biazi M.L. (2020). Marcas corporais, marcas psíquicas. O processo de estruturação do psiquismo no encontro analítico. *Constructo Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, n. 5, p. 62-99.
- Bleichmar S. (1998). *Simbolismo e transição. Modos de intervenção em patologias graves*. Conferência não publicada, traduzida por Sonia Piva e proferida anteriormente à fundação da Constructo Instituição Psicanalítica. Porto Alegre.
- _____. (2009). *Inteligencia y simbolización: una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (2015). Simbolizações de transição. Uma clínica aberta ao real. In *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Zagodoni, p. 31-58.
- _____. (2015). *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Zagodoni.
- Dejours C. (2019). *Primeiro, o corpo: corpo biológico, corpo erótico e senso moral*. Porto Alegre: Dublinense.
- _____. (2019). *Psicossomática e teoria do corpo*. São Paulo: Blucher.
- _____. (2019). *Os dois corpos*. Conferência proferida na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Porto Alegre.
- _____. Clivagem e recusa, inconsciente amencial (Dejours), inconsciente encravado (Laplanche): a terceira tópica. *Constructo Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, n. 3, p. 18-47.
- Freud S. (1896/1991). Carta 52/112. In *Freud, S. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. I, p. 274-280.
- _____. (1920/1991). Más allá del principio de placer. In *Freud, S. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. XVIII, p. 1-62.
- _____. (1991). La interpretación de los sueños, VI. In *Freud, S. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. V, p. 345-355.
- Kanabus B. (2015). Christophe Dejours – o corpo inacabado entre fenomenologia e psicanálise: entrevista (2013). *Psicologia USP*. São Paulo, v. 26, n. 3. Disponível on-line em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/109964>>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- Laplanche J. (1996). Implantación, intromisión. In *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, p. 103-106.
- _____. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1996). La interpretación entre determinismo y hermenéutica. Un nuevo planteo de la cuestión. In *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, p. 135-166.
- _____. (1999). Metas del proceso analítico, In *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, p. 181-198.
- _____. (2015). Três acepções da palavra inconsciente. In *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense, p. 190-206.

Resources of the psychoanalytic method at odds with the untranslatable

Abstract This article presents some remarks on the topic of the *untranslatable* departing from the theoretical developments of Jean Laplanche, as what remains in the psyche without translation, turning it impossible to organize a space that promotes psychic recompositions and allows an ordering of the psyche. Moreover it presents theoretical/clinical developments by Silvia Bleichmar and Christophe Dejours which aim at a clinical approach to non-neurotic pathologies that demand substantial changes in the classic Freudian technique so to meet the specificities of these pathologies.

Keywords Laplanche; Bleichmar; Dejours; the untranslatable; non-neurotic pathologies; the archaic.

Texto recebido: 03/2021

Aprovado: 05/2021